

Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário

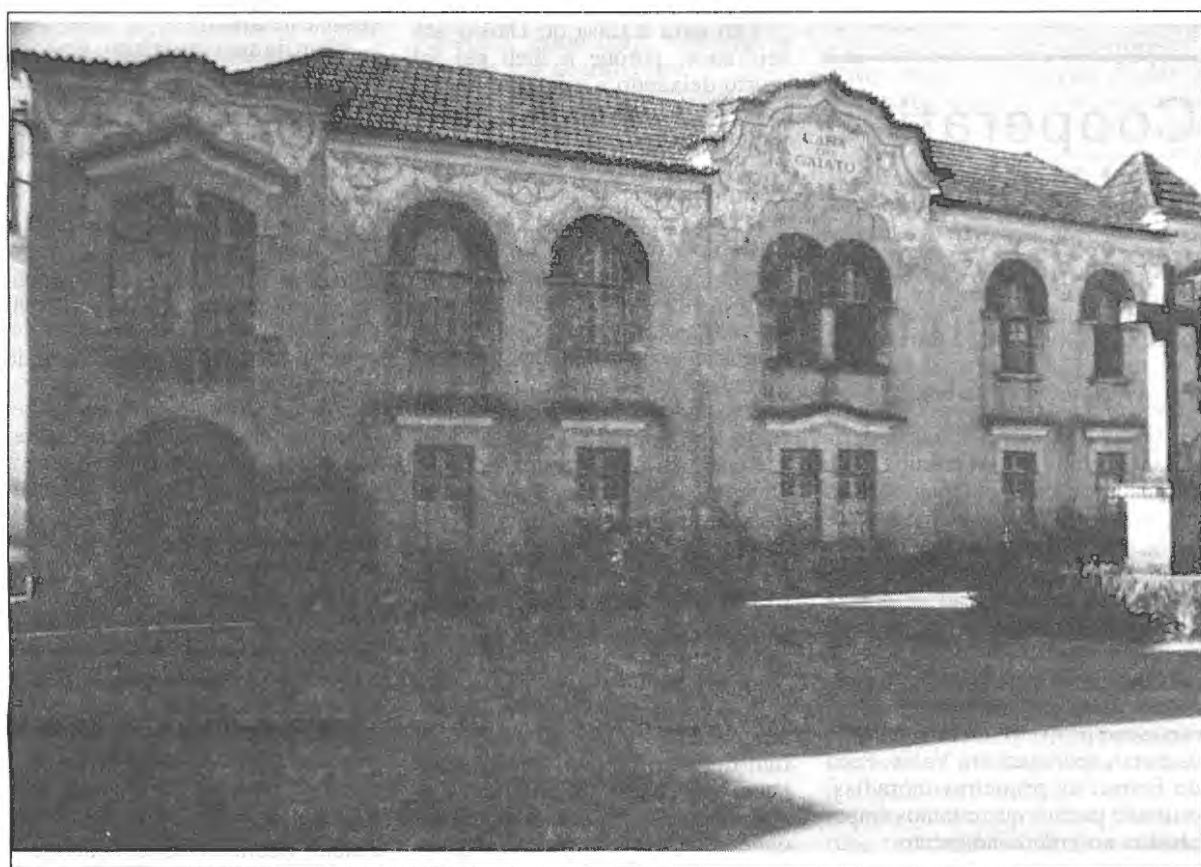
13 de Janeiro de 1990

Ano XLVI — N.º 1196 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



A Casa do Gaiato de Miranda do Corvo nasceu em uma destas tardes de Outono chuvoso, à luz de um candeeiro de petróleo, dentro de um cubículo da Baixa coimbrã com traseiras para um saguão. O miúdo tinha deixado ontem a loja de onde fora despedido por não poder trabalhar. Na hora em que eu cheguei, vinha ele do dispensário com duas caixas de injeções e recado de repousar em casa, alimentando-se bem! O ambiente do quarto podia-se cortar à faca. No chão há farrapos dispersos e palha arrumada a um canto onde dormem os irmãos; os pais têm enxerga. O pequeno doente é dos gaiatos das Colónias de Campo. É meu. Pergunta se ainda falta muito tempo para irmos e fala da sopa que lá se come e aqui não tem — com apetite e com saudades. Nasceu assim a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo; lancei aqui a primeira pedra; começou naquela hora o meu fadário! Os primeiros ocupantes deram entrada no dia 7 de Janeiro de 1940. Chuvia a potes. Parece que não se devia ter escolhido o pino do Inverno, antes esperar os dias da Primavera e instalar então o gaiato na beleza do seu florir. Mas não. Se tu soubesses como e onde eles vivem, havias de fazer precisamente o mesmo que eu fiz. — Pai Américo.

TRIBUNA de COIMBRA

SÃO cinquenta anos. Cinquenta anos que a Obra da Rua tem. Recordo muito bem o dia de Maio de há quarenta e nove anos, quando, alunos do Seminário da Figueira da Foz, visitámos a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo. Padre Américo, com seus treze filhos, recebeu-nos de braços abertos. Ofereceu-nos o almoço: sopa, arroz com galinha e salada. Serviu à mesa o Avelino. O Manuel «Coco», de três anos, andou de colo em colo. Muitos vivas e muitas palmas. Eu era um dos mais velhinhos.

Nunca mais esqueci esta família, sobretudo o acolhimento paternal de Padre Américo. Passados nove anos, vim e fiquei a ser também «pai» nesta família.

Nestes quarenta anos, quantas maravilhas tenho visto Deus operar pelas nossas mãos! Mãos que se unem em amor. Mãos de dentro e de fora. A Obra da Rua é de todos os de boa vontade. Pai Américo lutou até ao fim para que a Obra da Rua fosse de todos.

Quantas maravilhas!

Há momentos, estive no salão a ver dobrar os jornais para a venda. Vi o Nandinho a dobrá-los muito bem. Ontem, na festa, encantei-me com o Nandinho a dançar ao som da música. Que passos tão certinhos!

Recordo o dia em que a sr.^a professora que o criou no-lo veio entregar, pois a mãe, solteira e doente mental, havia falecido. Cabeça muito pequenina, não tinha estômago formado nem gengivas nem dentes, não andava. Tinha três anos e não falava. Fiquei tão triste quando peguei nele ao colo!

Hoje, com quinze anos, o Nandinho é quase um adolescente normal. Sinto-me muito feliz a olhar para ele.

Continua na página 8

CINQUENTA ANOS

A Obra da Rua tem 50 anos. Fê-los no dia 7 de Janeiro.

Queremos viver este acontecimento com simplicidade e profundidade. É um momento favorável; hora de reflexão, portanto. Queremos ir à fonte donde safu; acompanhar o seu crescimento e perguntar: — Como está? Que diz de si mesma? Depois, que fazer?

A Obra da Rua é um organismo vivo. Dá e recebe. Não guarda. Comunica. Como nos sentimos pequeninos, nesta hora!

Demos a palavra a Pai Américo: «Os teus olhos inquietos e saudosos deste canto do jornal deram com o sinal da Obra na semana que findou: um garoto de braços abertos a pedir o teu amor. Doravante fica sendo o símbolo vivo da Obra da Rua, por amor do qual tenho dado passadas sem conta e quero dar muitas mais, ainda que haja de fazer sangue à força de caminhar. Se as cicatrizes que se fazem no mundo por amor da Pátria são a glória de quem nas traz, quanto mais gloriosas não serão as que se fazem por amor de Deus, que é nossa recompensa na Eternidade!»

A Obra da Rua é, antes de mais, um segredo de amor revelado por Deus a Pai Américo. Este ponto de referência é fundamental para a descoberta da sua identidade. Ela tem como Pai Aquele «que amou de tal modo o mundo que lhe deu o Seu Filho Unigénito». O eleito para a sua gesta-

ção e aparecimento no meio dos homens foi o coração de Pai Américo.

A esta luz é fácil entender a admiração incontida que saía espontaneamente, a cada passo, dos seus lábios: «Fui eu quem fez isto?!» Ele era apenas o instrumento dócil, inteligente e consciente, impelido pelo Espírito de Deus. E insiste com veemência nesta nota para que as pessoas não sejam enganadas. A Obra não era dele. Ultrapassava-o.

Esta consciência de instrumento e, ao mesmo tempo, de cooperador indispensável, com a riqueza humana da sua personalidade fá-lo mergulhar na Pobreza de Deus para Quem o ser é o dar-Se. Pai Américo assume, tanto quanto os limites do homem permitem, esta dinâmica divina e transmite-a à Obra da Rua. Não aceita o «pôr e sobrepor» da lógica natural, mas o «pôr e tirar» da lógica do coração feito à imagem e semelhança do coração de Deus.

Não admira, pois, que a Obra da Rua tenha aparecido no meio dos homens como palavra nova; esperança e salvação para os Pobres. Primeiro, para aqueles que nada têm a não ser o abandono e a miséria. Depois, para todos os que vivem iludidos com a segurança dos bens materiais.

Rasgam-se caminhos novos. A voz do profeta que anuncia a Boa Nova da justiça e do amor, a partir da vida que corre pelos bairros de lata, dos apelos do garoto da rua e,

mais tarde, do doente incurável, sem eira nem beira, faz-se denúncia da injustiça social. Proclama que todos os homens são irmãos; têm o mesmo Pai e igual direito a viver felizes.

A Obra da Rua está a caminho. Bate a todas as portas. Como bandeira leva «um garoto de braços abertos a pedir o teu amor». Dá-se conta das dificuldades. Não desanima. Não conta as passadas que dá e quer dar muitas mais «ainda que haja de fazer sangue à força de caminhar». Os corações abrem-se. Curam-se. Outros resistem e mergulham na confusão. A palavra cumpre-se com gestos. Os sinais falam e acreditam-na.

Pai Américo partiu. A Obra da Rua ficou. E agora? Tem de continuar a caminhar.

Passados 50 anos, de olhos postos no presente, a Obra da Rua deve viver e anunciar a mensagem recebida. Os bairros de lata não diminuíram. As famílias sem casa esperam. O garoto sem família continua de braços abertos a pedir «o teu amor». O doente incurável não tem «onde viver nem morrer». Os corações de metal hão-de mudar-se em corações de carne.

Como? Pai Américo quis que o Povo tomasse a Obra da

Continua na página 8

GAIATOS E CASAS DO GAIATO

OS TRÊS PRIMEIROS GAIATOS



Mário Dinis, José Araújo e Aristides.

RECORDAR

Consoante o espaço, continuarei. Os flashes procuram manifestar, ou descobrir, a minha relação com Pai Américo. Obviamente, notas muito simples, pessoais, que revelam uma figura ímpar da Igreja portuguesa contemporânea.

Uma leitora do Porto — outros, doutros lados — estimulam o objetivo: «Não deixe as recordações incompletas (...) Já têm nome: Recordar» — diz a assinante 7769. E sublinha: «A saudade de Pai Américo também em mim não passa. Leio 'Recordar' com ternura e emoção». Assim seja.

Quem resistiria aos empurrões!? Pai Américo perdoa uma ou outra referência que não consentiria dantes — por humildade. «Depois d'eu morrer é que vai ser...!» Não tenho dúvida nenhuma.

Estou a vê-lo — quantas vezes! — alvo de encómios. Olhos fechados, semblante grave. No fim, sem mais quê, desaparece. Indelicadeza? Não senhor...

Noutras ocasiões — para matar a fome das almas — contando a história dum gaiato, palavra no coração, sem gaguejar, esclarece como, porquê, para que é a Obra da Rua, as Casas do Gaiato, seus êxitos e fracassos.

(...) Nos últimos apontamentos referi Miranda do Corvo — minha Casa-mãe. Agora, começa a fase mais valiosa do contacto Pai/filho, pé no estribo, rumo a Paço de Sousa. Foi uma viagem rica de contrastes! Mitigada a curiosidade do jovem: terras, gentes, costumes, diferenças, dialectos, linguagens.

— F. diz Puerto!...
— E tu?: Na quero... 'tás a ver?
A passagem por Coimbra, outra delícia. Ao longo de Espinho, o sol beija o mar — que não conhecia; as

ondas, a magnitude oceânica, a delícia do areal. Olhos espetados no filho que leva nos braços, Pai Américo esclarece, gosta de ser interpellado. Sempre gostou!

Chegamos ao Porto. O casario, a ponte, o rio deslumbra-nos. Pai Américo delira comigo. Os passageiros acompanham. No fim, estabelece-se uma família. A Obra, desconhecida, começa a ser conhecida... Lá iremos!

Júlio Mendes

Associação dos Antigos Gaiatos do Norte

7 de Janeiro de 1990: Uma data que não deve ser esquecida, muito em especial pelos antigos gaiatos, já que marcou uma viragem no modo de viver de muitos de nós.

A Obra da Rua faz 50 anos de existência! Ao longo destes anos, muitas centenas de rapazes tiveram a felicidade de encontrar uma Casa do Gaiato que os arrancou da fome, da podridão do mundo, para lhes dar um tecto, mesa e formação que, mais tarde, permitiria enfrentar o mundo cão.

Como acontece em todos as pequenas famílias, pobres ou ricas, também a Obra da Rua teve e tem filhos que não são capazes de aproveitar o que de bom lhes é proporcionado; e, por tal motivo, traçam caminhos errados na sua vida.

Felizmente, a maioria dos filhos da Obra da Rua, hoje antigos gaiatos,

souberam aproveitar. É consolador vê-los espalhados pelos quatro cantos do mundo, desempenhando as mais diversas profissões, alguns deles licenciados, outros em lugares de responsabilidade nos sectores comercial, industrial, administrativo do País.

Nesta data festiva, sem foguetes e tambores, os actuais e antigos gaiatos têm uma maneira simples e prática de festejar o 7 de Janeiro de 1940, fazendo uma pequenina oração: — Obrigado, meu Deus; obrigado, Pai Américo.

Carlos Gonçalves

Cooperativa de Habitação Económica dos Gaiatos

Ao comemorarmos os 50 anos da Obra da Rua, seria muita alegria para todos nós se esta crónica fosse recheada de boas notícias para os interessados no primeiro projecto de casas a construir pela Cooperativa.

Infelizmente, os orçamentos recebidos para a construção de quinze moradias ultrapassam em muito o custo previsto.

Não vamos desanimar! Já estamos a trabalhar em possíveis alterações ao projecto inicial para que, este ano, apareçam em Vales, Paço de Sousa, as primeiras moradias, estímulo para os que estamos empenhados no empreendimento.

No entanto, mais uma vez perguntamos:

— Como será possível os mais desfavorecidos resolverem o problema de casa própria?! Como poderá um chefe de família com o vencimento mensal de 50 ou 60 contos assumir a responsabilidade de um empréstimo numa entidade bancária?!

— Como poderá a maioria dos jovens portugueses constituir sua família se, hoje, mesmo nas aldeias, já pedem 30 a 40 contos pela renda de uma casa?!

Quer parecer-nos que o Estado — através das autarquias e estas apoiando Cooperativas de construção locais — deveria investir mais no sector da habitação.

Os cidadãos com poucas possibilidades financeiras deveriam ser ajudados para conseguir uma moradia com as mínimas condições, a fim de viverem como seres humanos.

Sabemos que a habitação é um dos factores de grande importância para o bem-estar das populações. Durante as eleições e, recentemente, tivemos a prova, muito se fala e promete para o bem-estar das populações. Depois, o que é feito? Infelizmente poucas autarquias, na verdade, se preocupam na área da habitação.

Os homens públicos preocupem-se, cada vez mais, com o grave problema da habitação dos mais desfavorecidos se, na verdade, queremos um Portugal mais justo para todos os portugueses.

OFERTAS — Para o fundo especial da Cooperativa, durante a Festa de Natal dos filhos dos antigos gaiatos, recebemos de dois anónimos:

5.000\$00 e 3.000\$00, respectivamente.

Como já foi noticiado, o fundo destina-se a ajudar os nossos irmãos menos abonados na obtenção de casa.

Carlos Gonçalves

SERAFIM

Tenho 19 anos e sou natural de Coimbra.

Vim para a Casa do Gaiato aos seis anos, porque o meu pai foi morto deixando a minha mãe grávida. Após eu ter nascido, não tendo pai e por a minha mãe ser doente, fui para o Instituto Maternal, em Coimbra, onde fui criado até aos seis anos, seguindo depois para a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo.

Após a Escola Primária, fiz parte do grupo de estudantes do Lar de Coimbra, onde concluí o Ciclo Preparatório.

Deixando os meus estudos, continuei em Coimbra a estudar artes gráficas, de que gostei muito, pois abriam-se-me novas perspectivas para o futuro.

Actualmente, estou na tipografia da Casa do Gaiato de Miranda do Corvo e continuo a estudar, agora de noite, frequentando o 8.º ano.

Sou igualmente chefe da nossa comunidade.

Para mim, a Casa do Gaiato é o lar daqueles que já foram «Lixo» da rua, dos sem família, desprezados pela sociedade.

A Casa do Gaiato é o refúgio onde se pode encontrar alegria, força de trabalho, força de viver e onde se transforma o «Lixo» da rua num Homem pronto a enfrentar os altos e baixos da vida.

A Casa do Gaiato é uma comunidade onde há entre-ajuda, porque o papel que cada rapaz desempenha é a fonte da sua formação.

Serafim

«CHOLA»

José António, mais conhecido pelo «Chola», vim aos 6 anos para a Casa do Gaiato, tendo estado até esta idade numa creche. Tendo os anos passado e tendo crescido, só viria a conhecer a minha família alguns anos mais tarde.

Pois, agora, tenho 27 anos, sou carpinteiro, funcionário da Câmara de Miranda do Corvo. Pouco a pouco fui construindo a minha casa que está quase acabada e penso casar este ano.

Além de ser carpinteiro, gosto de saber um pouco de tudo, pois, pouco a pouco se vai aprendendo e estou sempre pronto a aprender.

Para mim, se a Casa do Gaiato não existisse, poderia ser ainda um vadio e não teria conhecimento do que é viver na sociedade. Pois, a Casa do Gaiato mostrou-me o que é viver na sociedade e transformou-me num homem pronto a enfrentar a vida.

Levanto sempre a mão quando precisam de mim.

Sou também catequista na freguesia e em nossa Casa. Quero estar sempre pronto para ajudar.

A Casa do Gaiato tem-me ensinado isto. Dou graças a Deus por ter iluminado Pai Américo a fundar as Casas do Gaiato.

Zé António «Chola»

«Andorinha»

A Obra da Rua, as Casas do Gaiato, fizeram cinquenta anos a 7 de Janeiro.

A primeira Casa fundada por Pai Américo foi em Miranda do Corvo. Não ficou de braços cruzados ao peito. Os rapazes da rua são muitos! Fundou mais Casas: duas, no Sul: em Santo Antão do Tojal e

Cont. na pág. 7



Bianca, neta do Manuel Teixeira, no Brasil — bisneta da Obra da Rua.

COLABORAÇÃO DOS LEITORES

« F A M O S O »

«Se me permite, vou desenvolver o tema: 'Tu, aqui, não tens nada'. A sentença que cada um de nós pode receber no dia do Julgamento. Todos somos felizes, se vivermos na Graça de Deus e cumprirmos os Seus Mandamentos. Infelizmente, acontece o contrário — muitas vezes. Todos procuramos ser felizes à nossa maneira.

Pensamos que somos felizes, desde que tenhamos muito dinheiro e saúde para gozar a vida. Não temos a mínima ideia da Salvação!

Isto é um assunto de muita importância e pouco falado nas assembleias religiosas. 'Que te vale, oh homem, ganhar o mundo inteiro, se no fim vieres a perder a tua alma?'

Eu tenho lido O GAIATO. Acho-o muito interessante. A missão dele é falar dos Pobres e das suas necessidades. Voz que grita: 'Eu tenho fome, tenho sede, estou nu!' Voz que poderá ecoar no Dia das Contas. Então, o Juiz pode dizer: 'Tu, aqui, não tens nada. Lá, no mundo, tiveste saúde e não foste visitar-Me quando estava doente. Eras rico, tinhas tudo: Carros, casas, dinheiro nos bancos...; mas, aqui, na Eternidade, não puseste um centavo'.

Este conhecimento precisa de ser alertado a todos!

A culpa é nossa, se não semeamos a boa semente no campo da Salvação.

Oxalá o Espírito Santo nos ilumine, principalmente quem está encarregado de ensinar.

Vale a pena! Deus vos ajude e dê alento para ajudar os nossos irmãos na fome espiritual e material.

Assim seja.

Assinante 31977»

«É com grande alegria que acabo de receber O GAIATO que leio logo, pois gosto de saber notícias de todos vós.

Peço a Deus que a Obra da Rua continue a dar bons frutos. O Padre Américo, estou certa, continua a guiá-los e a abençoá-los.

Como mais um ano se inicia, não quis passar sem vos dirigir estas humildes palavras. Os estudantes iniciem o ano bem e, igualmente, todos os colaboradores tenham poucos espinhos pelo ano fora.

Junto pequena lembrança para o jornal e para tapar algum buracozinho. É dada com amor e carinho.

Eu iniciei o ano mal: Um acidente quase me imobilizou o lado esquerdo; mas, com a ajuda de Deus, tenho melhorado regularmente.

Assinante 19241»

«No começo de mais um ano lectivo, repleto de actividades, tanto para os educadores, como para os alunos ingressados no sistema de ensino, o meu pensamento está convosco: Sois portadores de grande esperança, nesta hora difícil, de grande expectativa. Mas uma coisa é evidente: só com o trabalho do Homem, a obra poderá ir para a frente, traduzindo os sonhos dourados em derradeira realidade palpável.

O nosso Famoso caminha conosco, ensina, corrige e instrui na Justiça Divina para uma vivência sólida e radical do Evangelho inspirado por Jesus, autor e consuma-

dor de toda a felicidade do género humano. Estou esperançado, mais do que nunca, que as suas folhas escritas se multiplicarão por mais páginas para que estes privilégios que herdamos cresçam e reverdesçam em primaveras de esperança e produzam novos rebentos de graça e de santidade para os leitores.

Não resisto à tentação de dar o renovado testemunho da Obra do Pai Américo. Dentro, incluo uma lista de cinco assinantes para O GAIATO.

Somos uma família enraizada. Já lá vão seis anos que faço parte da reflexão bíblica de todas as quintas-feiras.

'Que formosos são os pés dos que anunciam boas novas. A voz deles propagou-se a toda a terra e as suas palavras até aos confins do mundo'. (R. 10, 15-18).

Assinante 11182»

«Fico contente por enviar nomes de três futuros assinantes. Não me alegro por serem mais três famílias a dar uns milhares de escudos à Obra: mas, sim, por serem mais três casas a receber o exemplo vivido do Evangelho; três famílias mais que poderão ler e meditar O GAIATO — sempre actual, sempre directo, verdadeiro, a interpelar, a chamar a atenção para realidades que muitos não querem ver e fazer-nos sentir a responsabilidade de cristãos.

Assinante 17588»

«Sou assinante, recente, d'O GAIATO que dantes lia esporadicamente. Sinto-me cada vez melhor e espero 'encontrar-me', pois há uma força interior que me puxa para o Bem... Mas tenho ainda muito caminho a percorrer.

Os livros do Pai Américo estou certa de que me irão ajudar no aprofundamento da minha pouca fé.

É na esperança de me aproximar cada vez mais de Deus que vou estar cada vez mais perto dos que sofrem; e, isso, sinto-o com segurança, está a acontecer de uma forma natural, isto é, não se trata de uma forma de negócio: 'Eu dou isto para receber aquilo', não, felizmente.

Assinante 53735»

«Aqui vai um cheque, para alguma afluência. Continuo encantada com o vosso jornal! Na verdade, quem não gosta da Palavra de Deus? Ela fala ao Homem verdadeiro que existe em cada um de nós. Peço que rezem também pelos meus filhos. Um deles, hoje, faz anos! Saudades e um abraço do coração.

Assinante 16560»

«Há anos que tenho intenção de escrever esta carta porque, leitor do vosso jornal que adiro aos vossos educandos, a personalidade do Padre Américo sempre me intrigou. Esta é a primeira razão, pelo que gostaria de enviar uma obra da autoria do Padre Américo que seja representativa do seu pensamento social e pedagógico. Ocorre-me pensar que pode ser muito bem um dos espíritos mais originais e mais

benéficos do séc. XX português. Gostaria de ter também uma biografia, de preferência que não seja uma apologia cega.

Muitas vezes tenho pensado na forma de auxiliar a Obra da Rua. Aparte pequenas contribuições financeiras (que não me satisfazem espiritualmente) não imagino que ajuda possa trazer — nem médico para vos tratar nem engenheiro civil para as vossas construções nem homem de leis nem artesão... Em nada o meu saber pode dar-vos o que necessitais. No entanto, parece não haver pau tão torto que nem para archocho sirva...

Quando penso nos problemas sociais que o mundo moderno gera e na forma como foi extinta a Moral limitadora dos maus instintos de cada um, penso que as classes superiores estão sentadas num vulcão que elas próprias activaram. Porque não se pode esperar a passividade eterna do deserdado, sobretudo se este pensa que é vítima de alguém ou de uma classe. Sente-se moralmente justificado para os actos mais abomináveis.»

«Acabámos, há pouco, de pagar um apartamento na praia de Árvore. Temos casa própria, na Maia. Queremos sentir-nos mais felizes ou saborear melhor estes bens, aju-

dando outros a construir o sonho de uma habitação condigna. Agradeço-me que o destino fosse um Auto-construtor em dificuldades, mas com vontade firme de trabalhar e adquirir a sua casinha. Mensalmente, e na medida do possível, creio poder retirar do meu vencimento uma percentagem que não me atrevo a dizer qual — com receio de não conseguir cumprir — se bem que o meu desejo seria entregá-lo todo, pois muita gente há a viver só do vencimento do marido e o nosso também dava, pois temos uma vida simples, sem vícios. As duas filhas que temos e andam ainda a estudar, também são poupadas e ferverem de amor pelo Próximo. Temos muitas graças a dar a Deus. No entanto, e apesar de um desejo louco de ser livre como as aves do ar e simples como os lírios do campo, as teias que me amarram, que me encurralam, ainda não consegui vencer, se bem que me vou sentindo mais liberta e, por isso, mais 'saudável' e mais feliz. Reze por nós.

Agradecemos também uma prece pela minha mãe, gravemente enferma e com muita dificuldade em aceitar o sofrimento. De todo o coração peço a Deus que a ajude e nos ajude nesta situação que nos rouba horas de sono.

Assinante 35068»

OBRA DA RUA

«Tenho dez anos. Recebo de mesada, da minha avó, 300\$00.

Como gosto muito dos meninos do Gaiato, pelo que a minha avó me conta, pois o meu avô recebia o jornal (assinante 1241), quero, este mês, enviar essa pequenina lembrança, pois deixo de comprar o que me apetecia e assim é para eles.

Um beijo para todos, da Ana.»

☆

«Hoje faço 60 anos, o que é imenso! Aos 39 estive à beira de morrer e não seria de esperar a recuperação e o renovo de capacidade de trabalho que Deus voltou a dar-me. Gosto de viver na harmonia, com humildade. Agradeço a Deus o que já me deu e foi tanto! Peço protecção para todos, para a minha família que muito amo e para mim que não sou nada — tudo depende da Misericórdia de Deus e dos Outros.

Mando um pequeno cheque para o Calvário. Meu marido deu-me 1.000\$00 para mandar; eu junto mais uma miguinha.

Muito obrigada por todo o bem que a Obra da Rua faz. Deus os proteja no maior bem.

Assinante 44492»

☆

«Mando 1.000\$00. Eu sei que isto é muito pouco, mas sou reformada e o marido também, por invalidez. O senhor sabe bem como é para eles, para nós. Não há amor por quem tanto trabalhou. Fome, descalços, à chuva e outras coisas mais. Estou metida em muitas despesas com um andar que tenho. Precisa ser pintado por fora e arranjado o telhado... Tenho que cumprir com a minha parte.

Assinante 32241»

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

«Logo que me chega às mãos O GAIATO, sempre que posso, *banqueteio-me* com a sua leitura, gulosamente, ficando com pena, quando vejo ter chegado ao fim.

Tem-me acicatado fortemente um reparo que, há anos, venho fazendo a mim próprio, perante esta revoltante contradição: vão sendo cada vez mais numerosas as pessoas que se fazem ouvir, e ainda bem, e até altamente responsáveis socialmente, erguendo-se, zelosamente, em defesa das crianças abandonadas e maltratadas.

Cada vez que as ouço, fico a questionar-me, surpreendido e revoltado: — Mas, que é feito do juízo e mesmo da honestidade destas pessoas que se batem tão generosamente contra os incêndios, sem repararem minimamente nos incêndios, a não ser favorecendo-os maximamente?! Multiplicam as lições, apontam e quase impõem o recurso aos meios de acção incendiária e de defesa pessoal.

Como é possível haver quem tanto se aflija com os frutos inevitáveis da libertinagem, sem uma palavra de denúncia contra os libertinos; mas, antes,

Continua na página 7

Partilha em Família

«ESCREVO para pedir um favor. Encontro-me neste momento a fazer o estágio na filial da companhia que me vai empregar em Portugal. Aliás, o estágio já está a ser pago por eles. A máquina com que estou a trabalhar, ou melhor, a aprender, é de cinco cores mais o verniz da sexta unidade e trabalha por sistema rotativo. Ora, além das unidades das cores, tem, em cadeia, um sistema de secagem imediata e igualmente um de vinco, perfuração e picotagem. Muito completa e complicada ao mesmo tempo, com todo o sistema electrónico que lhe está inculcado. Corre tudo bem e, em princípio, como está previsto, entro em Lisboa no dia 1 de Fevereiro para inaugurar o departamento de *offset* desta companhia.

Posto isto, vamos ao que queria: Que enviasse todos os livros possíveis da Editorial Casa do Gaiato. Trata-se de uma oferta que quero fazer, aqui, em Toronto. Gostaria que me mandasse os livros para a minha morada em Montréal, onde vou passar os fins-de-semana, pois a companhia fornece-me um bom carro para fazer os 600 quilómetros que separam Toronto de Montréal e, como estou no hotel, o envio torna-se mais complicado.

Estou consciente de que tenho uma dívida para com o nosso jornal, à qual se deve juntar esta, dos livros; mas, como vou para Portugal, em Fevereiro, fico mais tranquilo, pois nessa altura conto liquidar as minhas dívidas.

É verdade. É caso para dizer que estou em maré de sorte. A CEE enviou um telegrama para me apresentar, dentro de dias, em Bruxelas, para fazer testes. Isto veio no seguimento de um anúncio ao qual respondi, há já mais de um ano, e o qual já tinha esquecido. Estou ainda a reflectir, mas penso que não vou porque teria que perder uma semana dum trabalho que profissionalmente me realiza mais. O dinheiro não é tudo para mim. Se fosse escolhido, seria para trabalhar em duas cores e isso fiz eu durante dez anos, aqui. Não digo que espero não lamentar, até porque não costumava lamentar as minhas decisões. No entanto, ainda tenho alguns dias para pensar.

Joaquim Barros»

De como nasceram



De como eu vi um tipógrafo doente na trapeira de uma casa e outros noutros lugares

FOI no Beco do Moreno, em Maio de trinta e cinco, que o miúdo me apareceu. Enquanto que as grandes artérias das grandes cidades mudam frequentemente de nome consoante as paixões mai-los acontecimentos do tempo, os becos e vielas das mesmas tomam a sorte de quem lá mora — nem nome nem condição. Ninguém faz caso.

Passava eu por ali, naquele mês e ano, quando um garoto da rua embarga o meu caminho num angustioso e imperativo «venha ver o meu pai que está na cama e a gente passamos fome».

O casebre era ali mesmo. Subi a escada apoiado ao corrimão e aos ombros do rapaz, sempre a dizer-me baixinho: «Não caia, meu senhor»; que se os perigos dos Alpes são grandes pela altura, aqui não são menores pela escuridão. Entrei no cubículo. Coisas e formas emergiam da sombra, lentamente. Reconheci o homem com quem falava. Tratava-se de um tipógrafo da Imprensa da Universidade de Coimbra, mandada fechar, ao tempo, por ordem superior e hoje abrigo de pombas nos buracos das paredes.

Quantas vezes não fui eu asso- biado às portas daquela casa, só porque uso batina e digo Missa no altar — quantas! Nós éramos conhecidos.

O padre é o grande mal do mundo, assim diziam os companheiros mai-los livros que ele compunha; corrê-lo da sociedade é um grande benefício. «Muitos, por causa do Meu Nome, hão-de julgar fazer bem ao mundo, perseguindo- vos até à morte», ensinara Aquele que vê tudo no presente. Tinha chegado a este homem o feliz momento de ouvir estas verdades e a mim o

de me vingar dele à maneira do Evangelho!

(...) Os tempos rodaram. O doente escapou. Pregava eu uma Missão em certa vila. Há tropel na igreja; é gente que acaba de chegar. O tipógrafo arrastava o povo à Missão e não faltou um dia, enquanto ela durou. Já não diz mal de ninguém!

Colónias de Campo do Garoto da Baixa

AO pequeno que na rua me solicitara a visita, juntaram-se mais três da família à roda do catre do pai. A luz do candeeiro que viera de dentro, mostrava mais claramente o estado deles e o aspecto daquele: contavam-se os ossos!

(...) Entrou na minha alma uma ideia criadora; fiz-me desde aquela hora um revolucionário — e nunca mais tive paz!

Calhou ir a S. Pedro de Alva, por aquele tempo, pregar na igreja do povo, ao povo. O prior da freguesia quer que eu vá mais ele visitar o edifício onde instalara uma Escola nocturna. Era uma sala rasgada com dependências anexas. Das amplas janelas via-se pousar o céu na serra do Caramulo e na Estrela gigante. Olhei as quebradas dos montes mai-los campos em redor. Indaguei distâncias da água, índole do povo, facilidades de pão. E debrucei-me no peitoril da janela a olhar...

Vi o Beco do Moreno, a cama de doente do artista, os quatro filhos sem pão. Não sei que me deu no peito, que o prior quis saber o que

eu tinha! — Uma paixão!, exclamei. E falei à moda dos apaixonados que procuram o triunfo nos sacrifícios e o êxito na verdade: — Fiz uma descoberta no Beco do Moreno — disse. — Quero realizar aqui o meu pensamento — revelei. Ele disse-me que sim.

Não cai um passarinho do céu sem que o Pai Celeste o saiba — verdade eterna. Parece que fora pregar a S. Pedro de Alva, mas não; fui cimentar as bases do que depois se chamou e hoje é: Colónias de Campo do Garoto da Baixa. Foi isto

Do que se fez e do que se disse nas citadas Colónias de Campo

(...) **Q**UEM semeia em campo de lágrimas, colhe em jardins de alegria. O êxito faz esquecer amarguras e abre caminho a novos triunfos. À frente, o sinal da Cruz. A plateia que duvidara do sucesso do ano anterior, começa a dar palmas e a dizer que sim; e já não tem medo que os garotos da rua assaltem as quintas.

Estudantes do Seminário e da Universidade ofereceram-se como guias e mestres da fauna miúda: «Se você precisar de mim, apite». Aparecem donativos e palavras de encorajamento. Viu-se que a loucura do padre era simplesmente o arrojo de ter feito o que antes ninguém fizera.

A ideia já não cabe na estreita casa de S. Pedro de Alva; procuram-se novas instalações. Batemos à porta de conventos abandonados; palmilhámos redondezas em cata de casas grandes; e demos fundo em uma quinta adequada, a dois passos do rio Ceira.

(...) Os anos seguem-se e a revolução também. O gaiato vem com larga antecedência marcar o nome na lista e traz outros consigo. Sabe-se, entre o rapazio, que o benefício da Obra somente aproveita aos verdadeiramente pobres; por isso mesmo é do tugúrio o candidato que chega. O miúdo é absolutamente solidário; interessa-se pela sorte do seu companheiro:

— Ande, senhor padre, que ele não tem ninguém.

E relata, piedosamente, o seu estado e condições de vida. Jamais encontrei um em falso, ao indagar.

O garoto das ruas é um camaleão. Em casa, desobedece; a pedir, é choramingas; com os outros, é refilão; nas ruas, é malcriado; às perguntas, é mentiroso. Muda de cor e de estilo conforme os lugares e as circunstâncias. Porém, se ele percebe e sente que alguém no mundo o ama, quer amar também e é fiel.

(...) Os estágios costumam estender-se desde o mês de Julho a Setembro. Os dias têm todos vinte e quatro horas, todas elas são de comer e as provisões correm grandes riscos.

(...) Da Figueira da Foz, de Lisboa, do Buçaco, da Granja; de qualquer parte onde tenha ido colher, faço tudo para regressar a Coimbra a tempo de tomar o comboio da Lousã e seguir nele para Serpins ao cair da tarde.

O calor abafa a gente! Chego ao termo da linha com o ponteiro nas sete. Esperam-me outros tantos quilómetros de estrada poeirenta, antes que possa estender os braços ao meu tesouro.

Saio do comboio na estação de Serpins. Dobrada a ponte do rio onde magotes de povo alimentam a pasmaceira dominical, entro no piso silencioso que vai dar à morada das Colónias de Campo. O rio Ceira corre à minha esquerda por entre searas de milho; à direita, o arvoredo projecta sombras no chão. Vou sozinho. Não

no mês de Maio; e no seguinte Agosto, obra de trinta catraios do tugúrio fizeram ali um estágio de trinta dias, todos de vinte e cinco horas, soletrados com maiúsculas, espumantes de vigor.

Seria um rasgo de audácia, se não fora antes um simples acto de fé. Meti ombros à obra sem dinheiro, sem equipamento, sem opinião.

— Quê?! Garotos da rua no meio de quintas; eles, o pior do mundo?! O padre está varrido!

Sim, *doido*. O Evangelho é loucura.

Inspirador ocasional

(...) **J**Á lá vai um ror de tempo desde que o garoto do Beco do Moreno me tomou do braço para ir ver seu pai — ele o inspirador ocasional e pioneiro das Colónias de Campo do Garoto da Baixa. Nunca mais o perdi de vista e foi menina dos meus olhos nas temporadas de Verão.

«Não há amor como o primeiro», canta o povo das aldeias. Este catraio foi o meu primeiro amor.

Naquele Verão de mil novecentos e trinta e cinco, conduzimos vinte e sete rapazes à sorte; no de trinta e seis, cinquenta e quatro sem medo; no de trinta e sete, noventa e seis; no de trinta e oito, cento e vinte e quatro; no de trinta e nove, cento e cinquenta e seis; no ano dos Centenários, em pleno êxito, cento e quarenta e quatro.

Durante os primeiros anos, o serviço de ordem e de vigilância era, como se sabe, prestado por estudantes da Universidade e do Seminário que, de muito bom grado, sacrificavam parte das suas férias ocupados com a vida intensa das Colónias de Campo.

O garoto da rua cansa sobremaneira os vigilantes. (...) Chega-se à noite estafado.

Depois de deitar cada um em seu leito, vem a hora mais preciosa dos dirigentes: Há conselho de ocorrências, trocam-se impressões, tomam-se notas, marca-se serviço para amanhã; e a seguir vem o chá. Está-se dentro de uma grande sala, janelas escancaradas, calor de morrer. Os doutores estendem-se ao comprido no meio do chão. Entra o cozinheiro com bolachas Triunfo, queijo da serra, fatias de pão, cigarros, aguardente e chá. Arengam-se políticas, guerras, namoros, anedotas. Contam-se os episódios do dia, fazem-se projectos de passeios e merendas. Eu estou. Gosto daquela hora por ser a de que os dirigentes mais gostam. Como, bebo, fumo, reino com eles. Faço-me tudo para todos, para que todos sejam meus.

Mas a gente não podia contar indefinidamente com o auxílio dos estudantes. Uns formavam-se, outros ordenavam-se, todos iam embora; e não havia a certeza de que novos rapazes se quisessem sacrificar. Urgia preparar colonos para serem os dirigentes; e assim se fez.

Aos domingos de tarde, em uma dependência de certa casa de Coimbra, meia dúzia de rapazes das Colónias de Campo atendem lições do Decálogo que é ainda hoje a melhor regra da vida. São generosos e decididos. (...) Eu não tenho compêndios nem cito autores. São contas de cabeça, como quem não sabe ler. Por isso agora me lê e dizes que sou escritor!

Do quarto ano em diante, a revolução das Colónias de Campo começa a ser dirigida por colonos com divisa. Há certa relutância da parte de alguns mais pimpões. Afeitos como estavam ao *senhor dotor*, custa-lhes obedecer ao antigo companheiro: «Ó coiso vai lá bater sola!» A minha interferência impõe-se. O serviço das Colónias de Campo, a partir do terceiro ano, é feito por turmas de quarenta estagiários que já trazem de Coimbra o seu pessoal dirigente. Na maré da chegada, em formatura, explica-se o como e o porquê aqueles dirigentes, ontem companheiros, são agora outros padre Américo.

Esta doutrina, alta demais para os catraios, tem evidentemente de ser explicada com parábolas, sem o que não a compreendem nem realizam; mas com parábolas, sim.

O rapaz da rua, indisciplinado no seu meio, aqui submetete-se. É fiel às instruções, respeita a fruta



Beco do Moreno

é um errante que vai levado, mas sim um sementeiro que regressa. Venho da capital onde fora bater às portas ricas a bem do Pobre. Quem pede para eles por amor de Deus, semeia.

Celebrei em S. Luís naquela manhã, a igreja madrugadora de Lisboa. Enquanto espero no Rossio as horas do comboio, entro no «Chave de Ouro» a pedir um serviço. Grupos estranhos tomam lugar nas mesas; eles elegantes, elas pintadas; e todos muito aborrecidos porque fartos de pecar. São adoradores de bacanais onde acabaram de fazer as honras da noite. Olho do meu lugar. Ninguém mais do que eu sofreria aquela hora, pelo muito que eles sofriam sem dar por ela. Eu sei como, quanto e porque se sofre assim — eu que também fui *distinto*, conhecendo os nomes de tudo, bebendo pelos mesmos copos, falando a mesma linguagem, pensando da mesma sorte!

Como nos dias da minha meninice, cuidando que o mundo acabava nas serras onde o céu pousa, ignorante naqueles tempos, eu cuidava que a vida era assim. Não ouvira ainda, como ouvi depois, o *duc in altum* do Mestre. Sim, no gozo do Bem que tenho, sofri por eles, aquela hora, o Mal que eles desconhecem.

Ocupado com este pensamento, nem sequer dei fé que estava no alto da Senhora da Candosa! Em baixo, o borborinho da garotada. A chusma deles vem ao meu encontro com bandeiras na ponta de canas.

(...) Chega a hora do silêncio. Reza-se o Terço em coro.

— Boa noite, senhor padre — gritam das camaratas.

— Boa noite, rapazes.

Eu também me vou deitar, mais feliz do que cansado.

as Casas do Gaiato

da Casa, não mexe na doutras quintas.

(...) A hora dos avisos que tem sempre lugar depois das orações da noite, atendem as razões, distinguem o mal, acham a consciência, confessam as culpas. Não é o ambiente que faz o homem, mas tem grande influência sobre ele.

E dar de comer a tanta gente?! Não há maior *papão* nestas empresas do que o dinheiro! — tudo tem medo. Grande número de boas obras deixam de se realizar com receio de que o dinheiro falte ou seja insuficiente. Erro! O que é necessário é ter-se crédito nas lojas e este dão-no facilmente os lojistas desde que se realizem obras que o mundo veja. A nossa acção é garantida das letras. Eles despacham tudo quanto nós quisermos comprar.

De como nasceu a ideia da Casa do Gaiato

(...) **N**O final de tanto brincar, chegava o terrível ir embora. Os últimos dias de Setembro vinham de cortinas negras; depois de vistas de fogo, a escuridão. Arrumar a casa, fechar portas, debandar. Para onde?

Se toda a gente das cidades conhece o ardina da rua, de o ver nas ruas, poucos há que saibam aonde ele mora, muito menos como vive.

Os lugares clássicos da piolhice que em todas as terras têm seus nomes — e na de Coimbra se chamam Bairro das Latas, Quinta do Poço, Arco Pintado, Pátio dos Lázarus, Lojão, Casa do Inferno — são zonas tenebrosas, conhecidas somente de fachada, que lá dentro ninguém vai a não ser a polícia! Eu também lá vou por outras razões.

O garoto atema que eu seja mãe e chama-me para tudo.

(...) Entro. A mãe não está em casa. Pai, não tem. Um deles procura fósforos, acende um candeeiro e mostra: «Olhe ali!» Este ali é o sítio que os espera após a debandada das Colónias de Campo.

Há muito que me doía o coração de não poder comprar uma quinta que fosse deles, para eles, governada e amparada por eles, para os livrar do tugúrio em caso de doença. Queria trazer na algibeira um remédio sempre pronto, ao visitar o pequenino doente na mansarda ou ao vê-lo abandonado por doença ou incuria dos pais; queria receber. Não podia sofrer por mais tempo o ouvir, no final das Colónias de Campo, «deixe-me ficar aqui, que a gente em casa passamos fome» — eu que sabia a verdade toda!



A ideia já não cabe na estreita casa de S. Pedro d'Alva

Não! Arrumar, fechar, ir embora — estas palavras tinham de ser riscadas; e em lugar delas, armar tendas no campo, como Pedro quis fazer outrora no Tabor; pois que os pequeninos também gritavam à uma: «É bom ficarmos aqui!»

As Colónias de Campo do Garoto da Baixa eram uma Obra incompleta e eu tinha medo que o povo lhe chamasse, como às capelas da Batalha, imperfeita. Eu mesmo sentia que algo lhe faltava.

A missão de visitar o Pobre tem beleza; é filha de uma intuição artística que apaixonava e devorava o visitante.

Quanto mais repelente for o estado e condição dos visitados, mais se enamora deles.

O artista verdadeiro é um crente; ele coloca na base de todas as suas criações a Beleza Incrriada de Deus, sem o que produzirá fantasia que deslumbra, sim, mas não faz arte que comova.

O visitante do Pobre que também é artista, tem necessariamente de ser um crente. A sua linguagem há-de dizer que ele é da Galileia. A beleza da sua acção é polarizada no seio de Deus. Ele chama a todos irmão; e porque são da sua carne, tem pena dos mais desamparados. Como a galinha faz aos milhafres, assim ele dá sinal e quer defender os Inocentes debaixo das suas asas. Faz arte que comove e não obra que deslumbre, o visitante de Pobres.

Transplantar o garoto da rua para terreno adequado onde ele se possa desenvolver e produzir bons frutos, é defender Inocentes. De tantos que tenho visitado no tugúrio, ainda não topei um só que me não fizesse soltar do coração o doloroso «ai meu filho onde tu dormes!» É no infortúnio que eu mais lhes quero.

O nível de vida da gente que mora nos aglomerados pobres, terra natal do ardina, mede graus

Do que se faz e do que se diz na Casa do Gaiato

ACABARAM-SE as horas angustiosas de não poder remediar o garoto doente da mansarda e de dizer que não, nas Colónias de Campo, ao rapaz que me pedia para ficar mais tempo. Tinha uma casa para eles!

Podia tomar agora o pequenino doente nos meus braços, retirá-lo do casebre onde tudo falta e deitá-lo eu mesmo na sua cama onde há sol e abundância, regalado. Podia atender num instante e deixar ir para Miranda do Corvo o traquina que por vezes me sai ao caminho: «Deixe-me ir consigo». Podia.

Sem nome, sem influência, sem prestígio, sem dinheiro; destituído de todas aquelas qualidades que fazem girar no mundo homens e ideias — eu realizei eficazmente os meus desejos que são justamente os do garoto da rua: dar-lhes pão, sol, largueza, asas. Comprei uma casa para eles.

(...) A compra da casa que havia de ser do gaiato, foi feita sem dinheiro.

Tinham-me informado de uma casa de campo à venda, sita a dois passos da vila de Miranda do Corvo, adequada ao men fim. O meu informador era o próprio vendedor: «Venha ver que há-de gostar».

Fomos examinar casa e local, por uma tarde de Verão. Gostei e tratei por quarenta mil escudos. Isto foi no mês de Julho de trinta e nove. Por aquele tempo tinha eu, em Vila Nova do Ceira, os garotos das Colónias a quatro alqueires de boroa na vinte e quatro horas, fora o mais que eles consumiam. Tinha a costumada visita semanal às famílias pobres, de Coimbra, que eram minhas muito antes da revolução do garoto e nunca, por causa dela, deixaram de o ser. Tinha despesas, encargos, compromissos e muita esperança no dia de amanhã.

A torre de Babel não chegou ao céu por ser errado o caminho que

abaixo de zero; e gela no que diz respeito a costumes.

Nos em que atrás se fala, bem como nos congêneres de outras cidades, o único remédio é edificar noutras paragens e destruir casebres. Não que com isso esteja tudo feito, que a população não muda com a mudança! Mas, sim, fica terreno aberto à missão de evangelizar.

Há dez anos que trabalho na rua e nada mais tenho feito, em Coimbra, do que dar pão aos famintos; que eles, os tristes filhos da noite, de nada mais têm fome. Esse outro Alimento que Jesus propôs e quer dar às turbas por meio da acção sacerdotal, esse nunca mo pediram nem sabem do que se trata. Nem tão pouco o poderiam digerir sem que primeiramente tivessem flores no jardim, lume na lareira, roupa na caixa e conforto em casa. Ora naqueles sítios não há jardim nem há lareira nem há caixa nem há casa — terra natal do ardina!

Quando calha ser insultado ou até soçado por aquela pobre gente, retiro-me para outros sítios a fazer penitência dos meus pecados e deixo correr o marfim. Nem eu seria melhor nem tu, se vivéssemos como eles vivem.

Os pais aborrecem os filhos. Sei de alguns pequeninos que se vão oferecer espontaneamente às Tutorias; e sei de outros maiores que propositadamente furtam para ficar — tal o espectro da fome!

Não tenho autoridade para arrasar tocas nem posses para construir bairros, mas nem por isso fiquei com as mãos nas algibeiras. Quis transplantar o pequeno habitante do tugúrio em terreno adequado, tendo o cuidado de sacudir o torrão na soleira da porta! Quis e fiz. «O amor é mais forte do que a morte.» Comprei uma quinta para eles. Chama-se a Casa de Repouso do Gaiato Pobre.

fim do ano, quarenta e dois deles. Não é um estranho que se apresenta; é um filho que chega à casa paterna. Nunca se anuncia aos que estão, o nome do garoto que há-de vir amauhá, para não «arder Tróia»; basta que eles o saibam na hora da chegada. Vão todos em algazarra infernal, esperá-lo ao fundo da quinta. O garoto é medido com os olhos, fuzilado com perguntas, apertado de todos os lados, por todos; e, finalmente, carregado em triunfo, até à sala-de-jantar. Não há melhor sala no mundo para receber garotos assim, do que a de jantar.

A sopa vai servir-se. A childeada continua até às orações da noite. A Casa está em festa: chegou uma vítima inocente das tuas prodigalidades. Até que vem a hora da cama de lençóis lavados que o pequenino vê e goza pela primeira vez na vida.

(...) Se batemos o torrão na soleira do tugúrio, ao tomar o garoto nos braços para o transplantar ao sol, é unicamente para sacudir a terra má, que não o pequenino; a ele queremos-lo tal qual é, para ser outro dentro de breve tempo.

O rapaz não sobe de posto por ser da Casa do Gaiato; melhora de situação. Veio das classes pobres; continua a ser e viver pobre.

Salvo melhor opinião de mestres, afigura-se-me que toda a Obra de Assistência à mocidade indigente deve incutir, no ânimo dos jovens, amor ao trabalho e ensiná-los a trabalhar. Sendo certo que o trabalho é o remédio eficaz contra a miséria.

Se mais alguém no País quiser consagrar a sua vida ao garoto da rua ou à chusma dos filhos empobrecidos pelos males sociais, deve dar à Obra a máxima objectividade, educando a criança como ela deveria sê-lo em sua casa, no seu meio, dentro das possibilidades da família. A Obra deve girar nos moldes da Família enquanto o miúdo lhe não puder ser restituído. E se este a não tiver, há-de sair do Ninho capaz de a construir, pela prática que teve dela.

A Casa do Gaiato Obra eminentemente social e familiar

A Casa do Gaiato é uma Obra eminentemente social e familiar. Não tem pautas nem estatutos nem regulamento — nem orçamento! Os mais crescidos vão roçar mato, de manhã cedo, com o almoço numa cesta de vime; e comem quando bem lhes apetece, à maneira dos trabalhadores.

(...) O rapaz assim, à-vontade, é espontâneo, encantador. Ele é ele cem por cento, imprimindo a tudo que faz e diz carácter infantil; espalhando na Casa alegria e mocidade.

Fazem mandados e recados como quem brinca, pondo em tudo a marca do seu ser.

Há um que finge com muita graça as vozes dos animais; e não poucas vezes sucede enxotar a regente, de debaixo das mesas, cana na mão, o gato ou o cão da Casa; e não é gato que mia nem cão que ladra, mas sim o garoto que brinca!

(...) Mais: O Freitas é um dos da quinta. Duma vez, a regente apitou por ele e o rapaz, em lugar de acudir, subiu para cima de uma oliveira, cosido ao tronco, a reinar.

O assobio continua a chamar mais estridente. Procura-se, pergunta-se; o rapaz, de cima, espreita e

goza. A regente jura-lhe pela pele: — Deixa que tu hás-de vir!

— Já cá estou, grita o gaiato de cima da árvore!

São assim os habitantes da Casa do Gaiato. Não atrofiámos nem mortificámos os miúdos; corrigimos como quem brinca; e eles, a brincar, deixam-se corrigir.

Na Casa do Gaiato há uma escola risonha e franca, como chama à sua o estudante alsaciano. Assim tinha de ser. O garoto vem na idade escolar e, desta sorte, não deve esquecer o que porventura já saiba nem perder a oportunidade de saber mais. A professora «não faz ondas» e, nas horas vagas, auxilia nos trabalhos domésticos.

Os usos e costumes da Casa, que também é uma Escola, são ensinados aos que chegam pelos que estão. Os métodos são muito simples como convém a uma comunidade infantil. Quanto ao silêncio, por exemplo, a regra é assim: Na hora e no sítio onde ele se guarda, os que chegam, podem falar; os que estão, não podem responder.

Com a aquisição de habitação própria para o serviço das Colónias de Campo do Garoto da Baixa, deixaram-se aquelas casas grandes que gostosamente nos emprestavam, agora ao tempo e aos ratos; e fixou-se residência na Casa do Gaiato.

(...) Dizem que há estrelas no céu cujo brilho leva um ror de tempo a chegar à Terra. O brilho desta levou dez anos a chegar a Lisboa. Foi vista a tantos de Agosto de mil novecentos e quarenta e um, precisamente dez anos depois de ter aparecido.

Havia na maré uma população de setenta garotos na Casa. Um deles veio dizer que «tinha parado um valente *espada* no fundo da quinta e que vinham lá dois *cartolas*». Safa a ver. Eram o senhor subsecretário de Estado da Assistência Social maior secretário particular. Aquele senhor fez uma demorada e minuciosa inspecção a todas as dependências da Casa, tendo sido terrivelmente curioso e terrivelmente silencioso. Nem uma palavra de agrado ou de desgosto — nada! Assistiu à refeição dos garotos no telheiro onde eles então comiam e regressou ao local onde deixara o *espada*. Já no estribo do automóvel despede-se da gente com um simples «até à volta» e «dê pão aos garotos que eu ajudo».

O silêncio, mesmo terrível, é oiro. Dentro de poucas semanas recebia um donativo; e mais além outro para a aquisição de um prédio anexo ao da Casa do Gaiato. Chegara à capital o brilho da estrela; começava a ter esperanças de poder trabalhar melhor; ia dar mais lanço à Obra da Rua.

O problema da vadiagem infantil

DESEJAMOS dar à Casa do Gaiato a feição de Casa deles, para eles, governada por eles. É uma concepção de Assistência inteiramente revolucionária que foge à rotina clássica dos agentes de vigilância nas congêneres Obras sociais. O miúdo assim, à-vontade, no seu grande elemento, mostra-se e revela-se tal qual é. Não queremos diminuir a sua personalidade, mas sim valorizar.

Estamos formando dentro da pequenina comunidade de hoje, os dirigentes de amanhã. Aproveitamos a predileção de cada um por tal ou qual serviço e fazemos

PARTILHA

Com que cuidado, devoção e alegria se reparte um bolo de aniversário! Hoje é das «Bodas de Ouro!» Meio século desta caminhada a que Pai Américo deu começo.

Nem tudo fácil. Não só vitórias. Rosas e espinhos. Porém, a certeza da mão do Senhor que nos vai amparando em nossas fraquezas e omissões.

Quando, um dia, subi a primeira encosta do Gerês ia pensando que, uma vez no cimo, beberia numa taça inebriante todas as belezas da montanha! Pura ilusão... No cimo, deslumbrado embora, estremei diante da vastidão de picos e falésias rochosas.

Assim nós no primeiro cume, alimentados ainda pelo bafo do «ninho» de Pai Américo.

É esta noção clara do que falta percorrer que, neste dia, venho partilhar contigo.

Era tão agradável partilhar o bolo... Prefiro a partilha das nossas dores para que rezes conosco ao Senhor. Ei-las:

Falta de sacerdotes, senhoras e rapazes vocacionados; e receio bem vivo da nossa culpa pela falta de união, de amor e abertura entre nós.

O afastamento dos Pobres. A abundância contagiante e pegajosa com que a nossa sociedade nos inunda.

Se bastasse recolher o rapaz e o doente em casas de pedra e cal, com camas e lençóis lavados — seria tudo fácil:..

É a partir daqui que as falésias ficam escorregadias e se tornam mais necessários a reflexão e o cui-

dado para não deslizarmos por elas abaixo.

São certos todos os testemunhos positivos que nos dão alegria. Igualmente certo, necessário e urgente que nos sentemos à nossa mesa para reflectirmos e comermos o nosso pão.

No silêncio da tua oração vem ter conosco.

Sabemos que o Senhor estenderá a mão.

Temos esperança.

Padre Telmo

ENCONTROS

Oiço passos apressados no corredor que conduz ao meu quarto. Bate-se à porta mas nem se espera ordem de entrada. Uns cinco miú-

dos entram e o Evelísio estende-me um pequeno papel que traz na sua mão. Os outros, quase ao mesmo tempo, dizem, com grandes sorrisos, algo que descodifiquei assim: «Foi ele que fez! A senhora professora diz que está muito bem».

Todos fizemos!

— Ela mandou mostrar.

— Está porreiro!

Leio...Eis o que li e agora dou a ler:

De como nasceram as Casas do Gaiato

Cont. da pág. 5

cozinheiros, hortelões, artífices caseiros; e temos dois futuros directores de almas em dois Seminários do País.

Toda a gente que pensa e que deseja sinceramente um Portugal melhor, importa-se sobremaneira com o problema da vadiagem infantil — aquela escola que começa por uma inocente ponta de cigarro e chega às mais ousadas formas do crime. São justamente desta escola os rapazes da Casa do Gaiato; alguns tão perfeitos em seu género que eu nem sequer posso pensar em entregá-los à família — ninho de perversão.

O pequenino que chega, uma vez instalado no que é seu, logo mostra o que viria a ser se ficasse no meio onde estava. Ganha confiança, faz as suas confidências, abre o coração:

— O gajo que dorme com a minha mãe é pedreiro e trata-me mal; mas eu quando for grande hei-de furá-lo com uma navalha.

A sociedade gera monstros; estes inocentes são dos que mais tarde se sentam no banco dos réus.

Nenhum ardina me passou até hoje pelas mãos sem a sua história que ele conta candidamente ao sentir-se amado; todos se apresentam predispostos à tuberculose e dispostos à prática do mal. De sorte que a Casa do Gaiato serve dois fins: livra-os do Sanatório e do Reformatório.

(...) Todos os dias recebo cartas de vários pontos do País, a relatar histórias de garotos das feiras: «Ande, padre, abra as portas».

Outras histórias são-me contadas pelo próprio ardina:

— Leve-me consigo que eu ando ao deus-dará.

Sim; conto, espero, confio nos homens de ter. Uma quinta grande, infinitamente maior do que a pequenina da Casa do Gaiato, onde o ardina dos caminhos fosse bater por si mesmo. Obra onde ele impere, onde ele trabalhe, onde ele se regenere.

(...) A posição jurídico-social da Casa do Gaiato oferece segurança. Sendo, como verdadeiramente é, uma Obra de Assistência Particular, goza, contudo, da simpatia dos poderes públicos que lhe concederam personalidade jurídica. Pode, por isso mesmo, receber quaisquer donativos, doações; isto sem pagamento de contribuições.

A inquietação dos afortunados do mundo não deve ser tanto no acumular como no distribuir.

Quem foi que disse aos homens que as riquezas do mundo são monopólio ou privilégio?! O Mestre não ensina assim. Aquele rico proprietário — do Evangelho — que queimou as pestanas no cuidado e precauções que havia de tomar para bem guardar as colheitas excepcionais, foi censurado pela sua prudência: — Stulte.

Sim; a inteligência dos homens pode muito bem ser estultícia à luz da Eternidade; e as suas grandezas — abominação.

Resolve e dá sem arrependimento.

O. Amén. 5!

(Do livro *Obra da Rua*)

«Nós, crianças, dizemos não à poluição porque não queremos a destruição! Não queremos ver os homens combater, os animais a sofrer, as flores a arder, o mundo a morrer. Queremos ajudar os pássaros do ar a voar, os peixes do mar a nadar, as plantas do campo a nascer, os bichos da terra a crescer, os jardins a florir, o homem a sorrir. Nós, crianças, amamos a natureza, porque queremos a vida!»

Olhei para eles. Esperavam a minha reacção. Um beijo a cada um. Palavras, para quê?!

Não sei se os mestres da escrita classificariam este texto como poesia. Senti que a poesia estava ali, à minha frente, nos olhos daqueles meninos que me olhavam. A poesia esteve presente no seu coração e na sua mente. O sonho percorre-os. Quanta alegria ver crianças a sonhar!

Isto já se passou, há alguns meses. Guardei o texto na minha secretária, como se guarda um pequeno tesouro ou uma recordação que não queremos perder... Neste momento em que todos nos desejamos um Bom Natal e fizemos votos para o próximo ano, decidi partilhar esta escrita. Uma criança de dez anos não quer ver «o mundo a morrer» mas quer ajudar «o homem a sorrir» e proclama, em tom solene: «Nós, as crianças, queremos a vida».

Padre Manuel Cristóvão

CASAS DO GAIATO

- **MIRANDA DO CORVO**
Telefone (039) 52125
3220 Miranda do Corvo
- **PAÇO DE SOUSA**
Telefone (055) 952285
Paço de Sousa — 4560 Penafiel
- **SANTO ANTÃO DO TOJAL**
Telefone (01) 9849019
Santo Antão do Tojal
2670 Loures
- **BEIRE (PAREDES)**
Telefone (055) 76178
Beire — 4580 Paredes
- **SETÚBAL**
Telefone (065) 501227
Algeruz — 2900 Setúbal

LARES DO GAIATO

- **PORTO**
Telefone (02) 570300
Rua D. João IV, 682
4000 Porto
- **COIMBRA**
Telefone (039) 712648
Cumeada — 3000 Coimbra
- **LISBOA**
Telefone (01) 666333
R. Ricardo Espírito Santo, 8-r/c-Dt.º
1200 LISBOA
- **SETÚBAL**
Telefone (065) 23054
R. Camilo Castelo Branco, 22 A
2900 Setúbal

CALVÁRIO

- **BEIRE (PAREDES)**
Telefone (055) 76178
Beire — 4580 Paredes

CALVÁRIO

Quando o homem sonha aquilo que Deus quer, a Obra nasce.

Foi assim com o Calvário. A quinta da Torre, em Beire, foi o seu berço. Doada pelo descendente dos condes de Resende, a velha propriedade, ao tempo quase em ruínas, oferecia as melhores garantias para a instalação de um aldeamento em que os moradores, doentes sem cura, sem ninguém, se sentissem em repouso reconfortante, mas sobretudo em família.

E a primeira moradia — a casa «Graças a Deus» — ergue-se à sombra de seculares carvalhas. Destina-se a homens. Homens doentes, mas que não de ajudar e confortar os vindouros, porventura mais inválidos do que eles. Sob a copa dos pinheiros levanta-se, logo a seguir, a casa «Esperança», modesta e singela, destinada a casal de inválidos ou senhoras doentes que, por sua vez, também não de irmanar-se com as inválidas que aguardam a hora de ser recebidas.

O velho espigueiro, monumental em seus cogumelos de granito e colunas oitavadas, também em pedra, adaptou-se a Capela, servida por larga escadaria que trepa por sobre tapete de relva macia. A inauguração desta, marca o primeiro aniversário da morte de quem sonhou e amou em primeira mão o Calvário.

As instalações para cozinha, sala-de-jantar, com dormitórios para os acamados por doença incurável, oferecem aspecto airoso e atraente de casa-mãe.



O tempo corre. As pedreiras rasgam-se. A pedra salta. As picas nas mãos dos artistas dão-lhe forma. E as instalações aumentam, pois que são muitos os que de abrigo precisam. Temos um pavilhão para doentes que pedem silêncio e isolamento. É a casa «Por tanto sofrer».

Sendo Obra de doentes e por doentes, há-de receber semi-inválidos que possam acolher os que de tudo carecem. E mais moradias térreas abrigam os doentes que são obreiros ao serviço dos irmãos mais doentes.

Mas os paralíticos precisam de sol no Verão, de aquecimento no Inverno e de conforto e convívio alegre em todas as estações do ano. Para eles sobem, entre pinheiros e carvalhas, dois pavilhões servidos por rampa suave que lhes permite passearem pela quinta em demanda de mais repouso e paz.

Em frente a estes, o salão-de-estar, mais o posto médico. Tudo faz parte integrante da Aldeia e é reclamado por esta Família de doentes a quem a Sociedade não foi

capaz de amar no poiso em que vegetavam.

Como tudo foi ditado por eles, pelos que foram chegando, com necessidades tão diversas, não houve planos iniciais nem anteprojectos, mas tão somente o muito amor pelo doente — pelo homem, pela mulher, pela criança — que arribou e trazia consigo o peso da dor e o ferrete do abandono. E, por esta razão, a Aldeia é poiso onde o doente que chega vai ser amado.

E quem lança mão ao trabalho, à lida do dia-a-dia? — Eles. Eles na base de tudo: Na cozinha, no refeitório, na copa, na rouparia, nas limpezas, no arranjo dos doentes acamados, no amanho dos jardins, no cuidado dos aviários e dos demais mesteres que fazem parte deste singular aglomerado humano.

Entretanto, na penumbra, há vidas ocultas que deitam mão para o serviço de enfermagem. Mas são vidas ocultas. O doente é o senhor da Casa: a razão de ser dela. Por via dele tudo isto foi feito e nada foi sem ser por causa dele.

Padre Baptista

Património dos Pobres

A que hei-de comparar a Obra da Rua? A uma árvore cuja semente foi lançada no coração de Pai Américo. É uma imagem expressiva. Cumprido o processo de gestação que caracteriza o aparecimento de todo o ser vivo, veio à luz do dia. Deitou raízes: ocupou todo o espaço disponível no terreno que se deixou preparar pelo semeador, cresceu e os ramos apareceram.

A Obra da Rua é semelhante a uma árvore. Pai Américo o campo e o Evangelho o semeador.

Os ramos foram rebentando à medida das necessidades no seu caminho de crescimento.

No meio dos Pobres está o garoto da rua. Para ele nascem as Casas do Gaiato. São um ramo da Obra da Rua.

É preciso, porém, ir mais longe; descer à raiz do mal na busca de remédio. Não basta aliviar a dor; encobrir a doença; anestesiar a

consciência. Há que detectar o vírus que corrói e mata. Destruí-lo! A cura passa necessariamente pela família. Nela germina a semente da podridão, da miséria duma sociedade, quando não está bem constituída. O garoto da rua, o vadio, o abandonado, o marginal que vem dar às Casas do Gaiato carrega as desgraças da família desfeita ou que nem sequer chegou a fazer-se. Aconteceu naquele tempo. Agora o mal é mais profundo. A vida afectiva da criança, privada do calor humano da família unida e estável, degenera em carência e agressividade. Numa palavra, em desequilíbrio.

Recordo-me daquele casal que veio pedir-me para receber um filho porque não podia com ele. O pequeno não tinha mais que 8 ou 9 anos. Não parava em casa. Não acolhia os gestos de carinho dos pais nem os tinha

para com eles. A casa era a rua.

Perguntei-lhe se, em casa, a vida corria em paz entre os dois. A resposta não se fez esperar: — Nunca nos demos bem. Pouco tempo depois do casamento a casa mais parecia um campo de batalha que um lugar onde o amor semeava harmonia e vida feliz.

Pedi que se sentasse. Expliquei como era possível que o filho chegasse àquele estado. O pequenino, ainda bebé, era um gravador muito sensível. Foi gravando o ambiente da casa. Depois, não tinha outra «música» para tocar. Era, agora, mais vítima do que réu. Pelo contrário, os pais eram mais réus do que vítimas.

A família é a pedra de toque duma sociedade sadia. Não se pode regatear o investimento na família. Ela condiciona o autêntico progresso dum povo.

Mas, família sem casa digna que ajude a manter o calor humano que lhe serviu de suporte, só por milagre. Isto é, o problema da falta de habitação está na origem de muitas desgraças, entre as quais o garoto da rua.

Pai Américo, conhecedor desta situação, não hesita. A necessidade é urgente. Há que buscar a solução. É a pessoa que está em risco de se perder. E com ela, todo um povo.

Assim, em 1951, no Santuário de Fátima, perante a multidão que o escutava, lança esta «Obra urgente e inédita» como ele próprio diz. Mais um ramo da Obra da Rua — o **Património dos Pobres**.

Trata-se de um movimento para mobilizar a comunidade, sensibilizando-a para este gravíssimo problema da falta de habitação. Primeiro, as comunidades paroquiais. Ao tempo, o pobre inválido, dependente cem por cento do auxílio dos outros, sem abrigo, foi a alavanca que pôs em marcha esta Obra. O País era sacudido em todas as direcções, como se de um furacão se tratasse. A inércia foi vencida pela força de mais um gesto portador de energia criadora e transformadora: Um caminho novo para a resolução do problema habitacional dos Pobres. Em breve, cerca de 3.500 moradias se levantaram, espalhadas por dezenas de freguesias de Portugal, Regiões Autónomas e África.

O Património dos Pobres aparece como sinal eficaz do que é possível fazer-se por imperativo da justiça social, com a visão arrebatadora que o verdadeiro amor dá. Aqui a Igreja teve e tem um papel insubstituível. Este ramo brotava da árvore nascida e crescida debaixo do bafo maternal da Mãe Igreja. Dizemos, por isso, que está ao seu alcance a resolução, em parte, do problema habitacional dos Pobres.

O Património dos Pobres nasceu sob o lema «Cada freguesia cuide dos seus Pobres». A pastoral, em marcha para a frente, há-de passar por este reduto, sob pena de lhe faltar credibilidade. Pai Américo quis que este ramo da Obra da Rua ganhasse vigor a partir da comunidade paroquial e para ela estivesse voltado.

Os tempos mudaram. Actualmente, o Património dos Pobres anima as famílias de trabalhadores que, heroicamente, se dispõem a construir as suas casas em regime de autoconstrução com os chamados «pequenos auxílios», normalmente concedidos ao telhado.

Quantas maravilhas operadas pelo despertador da esperança que é o Património dos Pobres. As pessoas apercebem-se de que o dinheiro não é o único capital. Abre-se um mundo de energias escondidas no



O Carlos Mendão foi chefe-maioral, e casou com a Maria João na Capela da nossa Aldeia.

Aqui, Lisboa!



«Acabaram-se as horas angustiosas de não poder remediar o garoto doente da mansarda e de dizer que não, nas Colónias de Campo, ao rapaz que me pedia para ficar mais tempo. Tinha uma casa para eles!» (Pai Américo)

Foi assim que Pai Américo cantou vitória! Tinha uma Casa para os rapazes. Começava a Obra da Rua, a que o Povo anónimo chamaria do Padre Américo.

Vão passados cinquenta anos e não se vislumbra que os problemas então existentes tenham minorado, antes pelo contrário. Ao fechar do ano de 1989 registávamos cerca de 220 pedidos de admissão de rapazes, no que diz respeito, apenas, à Casa do Gaiato de Lisboa.

Houvesse gente disponível — Padres e Leigos — muitas outras Casas se poderiam erguer por esse País fora. Não é o dinheiro que falta nem espaços ou terrenos que escasseiam. Falta-nos gente disposta a deixar tudo para servir, sem cálculos ou limites.

As pessoas, quando nos visitam, ficam espantadas e logo pensam em termos materiais. Como dar de comer e de vestir a tanta gente?! Pai Américo responde: «Grande número de boas obras deixam de se realizar com o receio de que o dinheiro falte ou seja insuficiente. Erro». Houvesse quem se dispusesse a «mergulhar» e muitas questões poderiam ser resolvidas. Na perspectiva que a seara é grande mas os operários são poucos, pelo que urge, a propósito e a despropósito, implorar do Senhor da Messe que envie mais obreiros para a imensa tarefa a realizar.

A seara é grande...

As «Bodas de Ouro» foram simples, como convinha. As coisas grandes são para se viver mais no íntimo do que em manifestações espalhafatosas. O momento é de reflexão e de atitude orante. Pedir forças físicas e anímicas, colmatar brechas, rever processos e atitudes à luz da fidelidade aos princípios, na unidade do conjunto, eis o que se impõe, tendo em vista que a seara é grande mas os operários são poucos, pelo que urge, a propósito e a despropósito, implorar do Senhor da Messe que envie mais obreiros para a imensa tarefa a realizar.

Contamos com os nossos Amigos para ajudarem os actuais responsáveis e todos aqueles que lhes sucederem, com o espírito duma mensagem anónima, recebida na Páscoa de 1988: «Padre Américo: Enquanto pudermos cá estaremos a dizer aos vossos continuadores — Presente!». Outros cinquenta anos estão à frente, para percorrer, até que a Obra da Rua seja centenária e a presença dos Obreiros é uma pedra fundamental da caminhada.

Padre Luiz

ser humano. Aqui, a Caridade também se manifesta como educadora respondendo ao apelo da Justiça. Centenas de famílias recebem, anualmente, os benefícios do Património dos Pobres através dos seus párocos.

Há dias, subi mais uma encosta, acudindo à chamada para ver as paredes levantadas, as divisões necessárias, a placa no lugar à espera do telhado. Um casal ainda novo meteu mãos à obra. Ele, antes de casar, amealhou o que pôde para ter a sua casa. Ela, do mesmo modo. Um desastre no trabalho lançou para a invalidez um e outro. Apesar de tudo não desanimaram. O dinheiro do seguro foi para a obra. Era a hora do Património dos Pobres. Assim aconteceu. A telha já está pertinho do lugar. O fornecedor ficou tranquilo e o casal animado para continuar até ao fim.

Padre Manuel António

Ângelo e José Carlos

BODAS D'OURO — A 7 de Janeiro de 1940 Pai Américo e três gaiatos inauguraram a Casa do Gaiato de Miranda do Corvo, primeira Casa da Obra da Rua.

Pai Américo percorreu uma grande caminhada para servir os Pobres — sendo pobre no meio deles: Aos treze anos desejava ser Padre; com dezasseis, parte para Moçambique, onde trabalhou a convite do seu irmão Jaime, numa firma inglesa. Depois, tornou-se rico, mas sentiu o chamamento de Deus, decidindo regressar a Portugal. Passou por um convento franciscano, em Espanha; e, por fim, é recebido no Seminário de Coimbra e ordenado sacerdote.

Começou a sua acção pela Sopa dos Pobres. Depois, as Colónias de Férias do

Garoto da Baixa, de Coimbra. Entretanto, vendo que as Colónias de Férias eram uma obra incompleta, decide procurar uma casa onde pudesse alojar melhor o «Lixo» das ruas. Comprova esta que nos abriga, em Miranda do Corvo, sem ter dinheiro!, que, agora, faz meio século de existência.

Durante as férias do Natal procurámos alindar a nossa Casa para as «Bodas d'Ouro». Nós gostamos de a ter agradável aos nossos olhos.

O ponto mais importante dos festejos natalícios: a realização de uns quadros vivos sobre a vida e Obra de Pai Américo. Tarefa difícil para os nossos rapazes, pois deu muito trabalho. Contudo, o resultado foi positivo, tanto para a plateia como para os actores.

Na segunda parte da sessão, as habituais danças, canções, comédias e, por fim, um presépio vivo.

Ângelo e José Carlos

«Andorinha»

Cont. da pág. 2

Setúbal; e duas no Norte: em Paço de Sousa e Beire.

A preocupação de Pai Américo: colocar, no centro das nossas Aldeias, a Capela ao lado do refeitório e das escolas! Pontos mais importantes para a nossa formação espiritual e cultural.

As Casas do Gaiato são para «fazer de cada rapaz um Homem». Por isso, é uma *Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes*.

Eu sou da nova geração. Um transmuntano, de Mogadouro. Estou na Casa do Gaiato, de Paço de Sousa, há nove anos. Vieram comigo mais dois irmãos: «Picapau» e «Rouxinol». Aquele, trabalha numa pastelaria. Este, numa empresa de artigos eléctricos.

Vítor Luís Alves («Andorinha»)

INQUIETAÇÃO SACERDOTAL

Continuação da página 3

instituindo-os e empurrando-os irresistivelmente para a libertinagem? Quero referir-me, especialmente, a certos meios de comunicação social, muito especialmente a R. T. P. que, nos últimos anos — a título de cultura — tanto se tem empenhado numa campanha sistemática de libertinagem ilimitada, instruindo e empurrando sobretudo o que respeita ao sexo, sem a mínima palavra educativa.

Todos os dias quebram lanças contra os incêndios, enquanto instruem, incitam e defendem os incendiários!

Ignorância? Hipocrisia?... Até quando?...

A razão minimamente honesta e o conhecimento da história da Humanidade demonstram eloquentemente qual o fim normal das sociedades que abandonam por completo a disciplina moral, buscando, desenfreadamente, à maneira da antiga Grécia: pão, divertimentos e prazer.

Um Pároco»

PRESENÇA

Os cinquenta anos que em 7 de Janeiro começámos a celebrar, são a idade da primeira Casa do Gaiato e marcam o aparecimento da Obra da Rua em terreno próprio, em funcionamento permanente, em circunstância de compromisso estável que até então não tivera. É data de nascimento, sim. Mas a vida já era e desde há muito manifesta, tal como a do homem ainda no seio de sua mãe. Talvez exprima melhor o

que quero dizer, usando a terminologia do Tempo Litúrgico corrente: a data é mais de epifania do que de natal.

«Não servia para mais nada mandaram-me tratar dos Pobres»

Realmente a Obra da Rua principiou nas ruas de Coimbra logo após

aquele momento em que Pai Américo, vítima de um esgotamento originado no esforço de adaptação em que constantemente viveu desde a «martelada» decisiva, em 1923, e agravado por um certo desajustamento da missão em que o ocuparam nos dois primeiros anos de sacerdócio, alcançou do seu Bispo a ordem que tanto «queria ouvir»: «Vendo que não servia para mais nada, mandaram-me tratar dos Pobres». E ele foi. Foi e cumpriu até ao fim da vida o mandato que o seu Bispo nunca retirou, antes confirmou com repetidos «Ande lá...!», sempre que o seu padre, espontaneamente, se apresentava a prestar-lhe contas da missão.

Pai Américo nunca foi um padre desgarrado, uma espécie de franco atirador. Sempre agiu na Igreja, em nome d'Ele, com a autoridade que d'Ele recebeu. E «se algum dia o meu Bispo me mandasse parar, eu pararia» — ouvi-lho muitas vezes.

Pois é ele mesmo quem o diz (e aí vai no fim das páginas centrais) que «o brilho desta estrela (então visível já na primeira Casa do Gaiato) levou dez anos a chegar a Lisboa. Foi vista a tantos de Agosto de 1941, precisamente dez anos depois de ter aparecido». E esta, segundo ele, a data do nascimento da Obra da Rua que, na verdade, se abeira agora dos sessenta anos. Cinquenta fá-los a Instituição.

Mas esta nunca foi preocupação de Pai Américo. Mais tarde, quando a primeira vez se esboçou a exigência de prestação de contas ao Estado, ele escreverá que «para facilitar o andamento da Obra aceitei dois estatutos que me deram, mas que nunca os li». E se, para preservar a liberdade em que a Obra nasceu e sempre existiu, fosse necessário renunciar à Instituição, não hesitaria.

A paixão de Pai Américo...

A paixão de Pai Américo era a vida, a vida que é dom divino e os

CINQUENTA ANOS

Cont. da página 1

Rua como sua propriedade. Por ela viria a reconciliação dos homens com Deus e consigo mesmos. Quantos não a encontraram já!? Mas o caminho da Obra da Rua passa pelo mais íntimo de cada um.

Não há Obra da Rua sem vocações para a fazer. Elas hão-de vir do seio do Povo de Deus. A Obra é d'Ele. Acreditamos que a chamada continua.

Homem ou mulher que poisares teus olhos na notícia do aniversário da Obra da Rua, reflecte connosco. O garoto de braços abertos pede o teu coração de mãe. Pede o teu coração de pai.

O doente incurável pede o teu coração de mãe ou irmã. Pede o teu coração de pai ou irmão.

A família sem lar pede o teu coração comprometido com os Pobres. «Se as cicatrizes que se fazem no mundo por amor da Pátria são a glória de quem nas traz, quanto mais gloriosas não serão as que se fazem por amor de Deus, que é nossa recompensa na Eternidade!»

Padre Manuel António



homens, em sua pretensão de racionalidade, tantas vezes e de tantos modos coarctam. Talvez que o vigor de que, graças a Deus, a Obra da Rua goza, apesar da pequenez de quantos lhe servimos de suporte, se explique por esta tónica de vida que Pai Américo lhe imprimiu; e que será uma bênção, que ainda hoje lhe assiste, o ter sido, de facto, durante dez anos, «desordenadamente, caoticamente, como pôde ser», antes de ser uma Instituição de direito. Isto só aconteceu quando a vida tinha construído um corpo já com forma própria, um corpo rico de alma com personalidade real muito sua.

Não é assim o costume dos sábios e prudentes do século. Primeiro estatui-se e institui-se; e a partir daí é que começa a vida. Por isso tantas vezes ela surge débil, sem gosto porque artificial.

A Igreja também começou «desordenadamente, caoticamente, como pôde ser». Passou tempo, antes que fosse conhecida como Corpo, reconhecida como Instituição. E esse tempo pujante de vida, irradiante de vida — tudo tão simples, tão belo, tão cheio de pureza! — é padrão que a Igreja, em todos os tempos, não pode nem quer perder de vista, não vá o crescimento da sua humanidade desfeitear o Rosto divino que lhe pertence e deve mostrar aos homens.

A Obra da Rua é filha da Igreja

A Obra da Rua é filha da Igreja. Sente-se segura e feliz em tudo e por tudo que a assemelha à Mãe. Ela vale sobretudo pelo espírito que a anima, sem o qual o próprio bem que faz não lograria a força atraente que tem mobilizado tantos e dá grandeza ao pequenino bem de que cada um é capaz. Assim foi na Igreja dos Tempos Apostólicos quando os discípulos punham tudo em comum e experimentavam a alegria e a paz de uma fraternidade sem mentira. Este regresso, incessantemente procurado, no qual consiste o verdadeiro progresso social, é a razão de ser da Obra da Rua, a profunda intenção que levou Pai Américo a fundá-la, como ele próprio declarou na hora de que se celebra agora o cinquentenário: «Nesta hora amargurada de receios, de dúvidas, de inquietações, de incertezas, faz bem à alma da gente ouvir e ver realizado no

mundo o atrevido e enérgico *scio cui credidi et certus sum* do Apóstolo S. Paulo.

O nosso labutar de cada hora, em prol das classes humildes e sofredoras, não é tanto para aliviar como para cristianizar. Nós queremos ser o semeador que passa a lançar intencionalmente, silenciosamente, o grão de semente nas almas, como o lavrador nas jeiras; e o nosso Bom Deus dará o crescimento em tempo oportuno.

O germinar, o crescer, o florir, o frutificar da planta — nada é da conta de quem semeia na terra nem nas almas.

Desejaríamos que as nossas palavras fossem carvões acesos, dessem às almas o alerta da Vida e a compreensão de que a Eternidade não é de maneira nenhuma aniquilamento ou fim, mas é antes a posse de si mesmo no gozo absoluto do bem que cada um faz, sem mescla de sofrimento.»

Padre Carlos

Tribuna de Coimbra

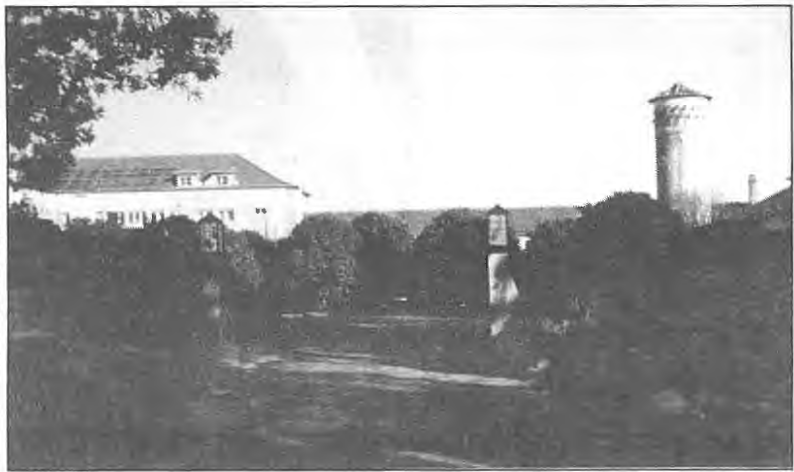
Cont. da página 1

Na hora de jantar, passei pela cozinha. Lá estava o «Quicas» atarefado a servir as travessas. O «Quicas» veio com seis anos, abandonado no hospital daquela cidade. Não se entendia o seu falar. Não organizava os movimentos. Começou a caminhar na nossa vida. Fez a instrução primária. Hoje, com dezoito anos, é o responsável pela nossa cozinha. Quem havia de dizer?

Olhei, há pouco, para o Patrício. Estava com seu brinquedo de Natal. Que feliz e naturalmente a brincar com outro! Na escola, está a ser um aluno normal. O Patrício, criado no hospital, de lá veio para nossa Casa. Tinha três anos e não se segurava em pé. Não se entendia nada do que queria dizer. Hoje é como os outros.

Embora, também, com muitas dores de alguns, temos razões de sobejo para louvar e bendizer o Senhor por estes cinquenta anos.

Padre Horácio



SETÚBAL

A Obra apareceu-me e cada vez mais se me tem revelado como a «estratégia» eficaz de entender e pregar Jesus Cristo.

Não me levem a mal empregar este termo tão em voga no mundo profano e, às vezes, também nos programas pastorais.

Não é para ser actual que o utilizo, mas sim para que a actualidade reflecta no termo que adopta.

Ninguém anuncia o Senhor de verdade se não O viver com paixão. Ninguém se apaixona se não O experimentar. Jamais alguém O experimenta sem pegar na cruz dos Pobres e dos desprotegidos e a levar toda a vida sem olhar para trás, na doação correspondente às exigências dessa mesma cruz.

Só os Pobres entendem os Pobres

Após a experiência, feita pela fé, o Padre Américo pôde escrever e proclamar que só os Pobres entendem os Pobres. Ele percebia os Pobres e estes compreendiam-no. Assim, a fé na Pobreza levou-o à experiência na Pobreza com os Pobres, ao seu serviço e no desejo crescente de se igualar a eles na humildade da sua vida, do seu vestir, do seu comer, do seu aparentar e também do seu sentir.

Jesus-Pobre, Servo e Humilde — eis o que a Obra me tem quase obrigado a viver. Sim, que a Obra da Rua tem força, uma força imperiosa e quase implacável se A assumirmos. Quantas vezes provamos ao vivo aquela exclamação do Fundador: «Nós somos uns empurrados».

Cristo revela os Pobres e estes demonstram-nos Jesus na Sua vida, nas Suas opções fundamentais, na Sua doutrina, na Sua paixão, morte e ressurreição.

Ninguém se aproxima da Obra da Rua sem se sentir tocado — é Ele.

Quando, na década de 70, emergiu para a periferia da Igreja o Concílio Vaticano II e esta se proclamava pobre e serva dos Pobres, em quantos textos do mesmo Concílio nós víamos já espelhada a personalidade do Padre Américo, a mística dinamizadora de todo o seu viver! Ele era já história, mas os dezasseis anos — 1940/1956 — apresentam-no na Obra da Rua como um profeta genuíno e antecipado do mesmo Concílio.

Pai Américo pré-conciliar no tempo mas conciliar antes e depois do Concílio

«É necessário um *aggiornamento* na Igreja» — proclama João XXIII. Um *aggiornamento* que precisa de teoria, sim, mas muito mais de prática. No Padre Américo temos o verdadeiro *aggiornamento*. Ele é pré-conciliar no tempo, mas conciliar antes e depois do Concílio. Ao embarcarmos na Obra da Rua é-nos oferecida a oportunidade riquíssima da mesma experiência.

Neste tempo de pragmatismo em que, sobretudo o mundo jovem precisa de argumentos experimentados para se convencer, a Obra da Rua mantém um carisma original que é preciso divulgar para atrair.

As estratégias pastorais que não assentarem na adopção fundamental dos Pobres e da Pobreza estão todas condenadas à mediocridade ou ao fracasso.

Por mais trabalho que se faça, por melhor que planeiem e executem, falham redondamente e Jesus fica inacessível.

Padre Acílio



Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Tel. (055) 952285
Fotocomp. e imp. offsel: Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel — Cont. 50078898

Depósito Legal n.º 1239

Tiragem média, por edição, durante o mês de Dezembro: 73.390 exemplares